

## **Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 7, História da Interpretação**

### **– Bacon & Kant**

**© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt**

Temos discutido as influências históricas na hermenêutica ou na interpretação bíblica, e na última sessão voltamos ao próprio Antigo Testamento para demonstrar que a interpretação não é algo novo para os estudiosos dos séculos XX ou XXI que se sentam e interpretar a Bíblia, mas a interpretação remonta ao próprio Antigo Testamento. Mesmo dentro do Antigo Testamento, encontramos escritores posteriores selecionando, pegando, interpretando e utilizando textos anteriores e reafirmando-os para seu público, e olhamos para os autores do Novo Testamento que interpretam textos do Antigo Testamento. Também olhamos para o Judaísmo Rabínico, e olhamos para os primeiros pais da igreja na era patrística, e muito brevemente olhamos para o salto para a Reforma, e em todos esses casos vimos que uma das principais características foi que os intérpretes olharam para o texto como relevante e estavam tentando tornar o texto relevante para os leitores modernos, não necessariamente que queiramos repetir todos os seus métodos, mas ao mesmo tempo é importante perceber que eles estão olhando para a Palavra de Deus e não a tratando como um artefato simplesmente ser exegética e compreendida em seu contexto histórico, mas também estão lutando com a forma como a Palavra de Deus continua a ser relevante.

O que quero fazer nesta sessão é avançar um pouco mais e observar algumas influências na interpretação que não surgem necessariamente de uma tentativa de interpretar o texto bíblico. Algumas delas sim, mas é importante compreender, como já dissemos, que a interpretação não surge do nada. Você não apenas se senta e lê um texto, mas quando o faz, ou lê um texto isoladamente, mas quando o faz, quando se senta para interpretar um texto bíblico, você o faz como parte de um longo fluxo. da história, um longo fluxo de indivíduos que se sentaram e lutaram com o texto,

mas você também é influenciado pelo pensamento de muitos outros indivíduos e de muitos outros movimentos que influenciam a maneira como entendemos, a maneira como lemos, a maneira como nós interpretamos.

E, novamente, algumas dessas influências que ainda nos afetam hoje, algumas dessas influências não visam necessariamente o texto bíblico, nem visam necessariamente a interpretação de qualquer texto ou livro. Alguns deles estavam apenas lutando para entender como entender os dados, como entender o significado de qualquer coisa. E então o que eu quero fazer é olhar para algumas influências-chave e, novamente, vamos apenas esboçar o quadro geral e olhar para alguns dos principais indivíduos e a influência que eles tiveram, especialmente durante o período conhecido como Iluminismo. , quando a razão e a capacidade de pensar e raciocinar eram altamente valorizadas como forma de compreender algo, como forma de interpretar algo, fossem dados científicos ou fossem textos.

A primeira pessoa que quero examinar brevemente é um indivíduo chamado Francis Bacon, e Bacon, um dos primeiros pensadores científicos, fez parte de um movimento do método científico indutivo. Francis Bacon foi uma espécie de produto do racionalismo, que é a ênfase na capacidade da mente humana de pensar e raciocinar e, portanto, de deduzir o significado do texto. Bacon defendeu um estudo rigoroso e detalhado dos dados científicos empiricamente.

E o que isso significa é que o intérprete é um observador que estuda os dados e estuda a informação sem permitir que os seus preconceitos pessoais ou outras influências afetem a interpretação e a capacidade de compreender os dados. O observador analisou os dados e os estudou sem deixar que esses preconceitos atrapalhassem. E ao examinar as evidências físicas e históricas e os factos históricos, as leis que regem esses factos surgiriam naturalmente e revelar-se-iam, se se aplicasse o método correcto e rigoroso.

E o que Bacon fez foi sugerir que deveríamos romper com a tradição e, em vez disso, deveríamos até duvidar da tradição, e seríamos capazes de regressar aos próprios dados. E, mais uma vez, através de um método rigoroso de análise empírica dos factos, poderíamos então compreender as leis que regem esses factos e o significado desses factos, e como se encaixam entre si. Hoje, penso que vemos uma influência semelhante em certos movimentos dentro dos estudos bíblicos que são populares, bem como por vezes académicos, que enfatizam o estudo indutivo da Bíblia.

Para que através de uma aplicação rigorosa de métodos adequados de interpretação, examinando rigorosamente os dados, se possa revelar o seu verdadeiro significado, se possa compreender o seu verdadeiro significado, o texto revelará o seu significado. Então, novamente, você encontra uma ênfase no fato de que o intérprete da Bíblia é um observador objetivo, e olhamos para os dados no texto, simplesmente olhamos para os fatos, e observamos empiricamente o que está lá, e aplicando uma rigorosa método de usar a razão e o pensamento humanos, podemos deduzir seu significado e determinar o que o texto está dizendo. E, portanto, ao fazer isso, somos capazes de nos distanciar de nossos preconceitos, de nossas predisposições, de nossas tradições passadas e coisas assim, para chegar ao verdadeiro significado do texto.

E, novamente, vários textos hermenêuticos ainda falam sobre um método indutivo de interpretação e, novamente, existem estudos bíblicos ainda mais populares que são rotulados como estudo bíblico indutivo ou algo parecido. E, novamente, a suposição é: sou um observador objetivo, sou como uma esponja seca apenas esperando para absorver os dados, e aplicando os métodos corretos de interpretação ao texto bíblico, então posso derivar seu verdadeiro significado, livre de e não influenciado pelos meus preconceitos. Portanto, Francis Bacon foi um pensador importante, não tanto por influenciar indiretamente a hermenêutica

bíblica, mas como parte de toda essa abordagem, um exemplo dessa abordagem, de que alguém poderia, aplicando um método rigoroso de interpretação, transcender ou superar seus preconceitos, e compreender os dados de uma forma pura, empírica e indutiva.

O próximo pensador que quero apresentar é um indivíduo chamado René Descartes. E René Descartes, desde a última parte do século XVI até cerca de meados do século XVII, de 1596 a 1650. Descartes, tal como Bacon, também foi uma espécie de produto do racionalismo e enfatizou que o conhecimento vem do raciocínio lógico.

Isto é, que a mente humana é capaz de derivar significado. Descartes disse que sou um eu que pensa racionalmente. Portanto, posso olhar para os dados, posso olhar para o mundo material e posso compreendê-lo logicamente.

Descartes também operou a partir da posição da dúvida. Isto é, que os cientistas ou filósofos devem livrar-se de noções preconcebidas e de ideias e tradições preconcebidas. Eles devem despojar-se da tradição e deixar de lado os seus preconceitos e suposições, e devem começar de novo à medida que interpretam os dados.

Agora, Bacon e Descartes operaram com a suposição de que existe aproximadamente uma correlação, ou existe uma correlação, entre o conhecimento e a própria realidade. Ou seja, o método racional, empírico e científico poderia compreender algo como realmente é. Portanto, há uma correlação entre o meu conhecimento e a minha interpretação de algo, e o que realmente é.

Assim, por exemplo, quando observo este livro, quando olho para este livro, o que observo e vejo, há uma correspondência entre o meu conhecimento e a minha observação, e o que realmente está lá, a própria realidade real. Assim, mais uma vez,

aplicando o método científico rigoroso, podemos tornar-nos observadores neutros. Ao aplicar uma abordagem indutiva aos dados, ao abordar a compreensão com um método indutivo racional, podemos abordá-los de uma forma pura e podemos compreender algo como realmente é.

E, novamente, não é muito difícil ver a possível influência nas abordagens da hermenêutica. Quando se trata de interpretar a Bíblia, pode-se então abordá-la de acordo com este método, e sob esta influência, pode-se abordá-la como um observador objetivo, pode-se abordá-la de uma maneira neutra, e também através de uma aplicação rigorosa de princípios corretos. métodos de interpretação, através de um método rigoroso de hermenêutica, pode-se então chegar a uma interpretação que realmente corresponda ao próprio texto das Escrituras. Isto é, posso chegar a uma interpretação, posso chegar a uma compreensão, posso chegar ao significado do texto, que se correlaciona diretamente com o que realmente está no texto.

Novamente, separado dos meus próprios preconceitos, do meu próprio ponto de vista, da minha própria tradição e das minhas próprias perspectivas. Ao aplicar um método rigoroso, posso me tornar um observador neutro. Novamente, é como uma esponja esperando para absorver os dados.

Assim , quando se trata de hermenêutica, pelo menos o método e a abordagem do racionalismo exemplificados por Bacon e Descartes têm influenciado a interpretação. Então, novamente, se você ouviu, foi ensinado ou leu que a abordagem correta da hermenêutica é despojar-se de seus pressupostos e preconceitos, abordar o texto objetivamente e aplicar os métodos corretos de interpretação , você pode superar seus preconceitos, pode compreender o verdadeiro significado do texto. Muito desse tipo de abordagem decorre deste período de racionalismo, novamente exemplificado pelas abordagens de Bacon e Descartes.

E há muito mais que poderíamos dizer sobre os dois indivíduos, mas estou enfatizando principalmente o legado que eles deixaram no que diz respeito à hermenêutica. Algumas outras coisas a dizer sobre Descartes também, no que diz respeito ao legado que ele deixou e à influência que ele teve, até mesmo na interpretação bíblica, é que Descartes também introduziu um dualismo que se tornará muito importante mais tarde na hermenêutica e na interpretação. e teologia. E basicamente, disse ele, o dualismo era assim.

Por um lado, Descartes entendeu que existe um mundo material que é mecanicista, que funciona por leis naturais. Por outro lado, é determinístico. Mas, por outro lado, Descartes defendeu a liberdade e a autonomia do pensador, do pensador racional.

E o que isso significa é que, se eu sou um eu pensante racional, um eu pensante autónomo, isto levanta a questão: até que ponto a minha compreensão depende da minha própria interpretação dela, ou da minha própria perspectiva e do meu próprio ponto de vista? Até que ponto a mente humana determina como vou compreender os dados em si? Então Descartes já está levantando essa questão. E uma coisa que veremos, esta abordagem, Immanuel Kant, uma das figuras que veremos daqui a pouco, Immanuel Kant desenvolverá isso ainda mais e começará a pavimentar o caminho até mesmo para abordagens modernas de interpretação que agora concentre-se principalmente no leitor. Que é o leitor quem determina o significado, que não existe um significado correto no texto.

Mas somos tão influenciados pela nossa compreensão, pelo nosso pensamento, pelos nossos preconceitos, pelas nossas tradições, pelas nossas perspectivas, que sem dúvida leremos isso no texto. Então Descartes já preparou o caminho para isso com seu dualismo entre o universo mecanicista, mas o eu pensante autónomo, o que novamente levanta a questão: até que ponto então minha mente determina o que vejo, e minha abordagem determina o que vejo e percebo nos dados? Uma outra

figura a enfatizar durante este período, e há uma série de outros indivíduos que poderíamos olhar e que talvez tenham influenciado a hermenêutica, um que mencionaremos muito brevemente daqui a pouco é o ceticismo, o ceticismo de David Hume, aquele não poderia saber de nada. Mas um indivíduo deve ser enfatizado, porque muitas vezes encontramos declarações até mesmo em livros de interpretação bíblica ou de hermenêutica que refletem esse tipo de pensamento, mas um indivíduo que deve ser mencionado brevemente é John Locke, LOCKE, John Locke, 1632 a 1704.

Locke é aquele que argumentou que a mente é uma tábua em branco e recebe então sensações do mundo externo. Portanto, minha mente é uma lousa em branco esperando simplesmente receber sensações e dados do mundo empírico no mundo externo. E mais uma vez, vi inúmeros livros de hermenêutica, especialmente os anteriores, que diziam que o intérprete, tal como disse Bacon, poderia chegar ao texto como um observador puramente objectivo, com uma mente em branco, a mente é uma lousa em branco, como uma esponja, apenas esperando para absorver os dados de maneira puramente indutiva e objectiva.

Veremos, porém, que uma das dificuldades da posição de Locke é, e veremos isso mais tarde em alguns outros intérpretes e outros hermeneutas, um termo usado para designar alguém que aplica ou pensa e escreve sobre hermenêutica, mas uma das críticas é se minha mente é uma lousa em branco e se é simplesmente uma tábua em branco, como posso entender alguma coisa? É preciso ter algumas categorias ou alguma perspectiva a partir da qual ver e compreender. Mas indo além de Locke, o próximo indivíduo importante e significativo, talvez o mais significativo de todo este grupo de pessoas que estamos a olhar, é um indivíduo chamado Immanuel Kant. Immanuel Kant, que viveu de 1724 a 1804, basicamente respondia em alguns aspectos ao ceticismo de sua época.

Mais uma vez, um dos céticos a quem ele respondeu foi David Hume, que duvidava da certeza de qualquer conhecimento humano. E em resposta a isso, Kant procurou escapar deste ceticismo. E o que ele fez foi dizer, basicamente, que a mente humana é a fonte última de conhecimento.

Em outras palavras, a realidade objetiva, embora, de acordo com Kant, a realidade objetiva só pudesse ser conhecida e percebida na medida em que se conformasse às estruturas de conhecimento da mente. Portanto, ele vai ainda mais longe que Descartes. Lembre-se, Descartes meo que introduziu um dualismo entre o eu pensante autônomo que era capaz de compreender e perceber os dados racionalmente.

Agora, Kant vai mais longe e diz, realidade objetiva, o que está lá fora só pode ser conhecido por causa das categorias que já existem na mente, por causa das estruturas que já estão na mente. Em outras palavras, o modo como as coisas são em si mesmas, o modo como as coisas são objetivamente, nunca pode ser conhecido. Em vez disso, todo o meu conhecimento é filtrado através das estruturas da mente e das categorias de compreensão da mente humana, tais como categorias de tempo que nos permitem distinguir o tempo, categorias de espaço, todas estas determinam como vemos o mundo empírico.

Então, novamente, de acordo com Bacon e Descartes, talvez alguém pudesse olhar para um objeto e como o percebemos e como o entendemos, haveria uma correlação direta entre a minha compreensão e conhecimento e a natureza do próprio objeto. Agora, Kant diz que, em vez disso, a mente, as estruturas da mente determinam o que vejo. Portanto, da forma como percebo e entendo este livro, não posso ter certeza de que o compreendo objetivamente, ou como realmente é, porque são as categorias e estruturas da mente pensante e racional que determinam como o percebo.

Portanto, a minha compreensão disso é filtrada através dos padrões de compreensão, das categorias que já existem na mente humana. E novamente, anteriormente, de acordo com Bacon, especialmente em Descartes, a mente podia perceber objetivamente os dados como eles realmente eram, como eram objetivamente. Mas agora Kant diz, não, a mente, as estruturas da mente determinam como percebo o mundo e como o mundo é visto.

As estruturas da mente determinam como o mundo é interpretado. Não há correlação direta entre o meu conhecimento e o que realmente existe. Não posso ter certeza de que o que sei corresponde necessariamente e objetivamente ao que existe lá fora.

Há também uma outra influência importante de Immanuel Kant. E isto é, Immanuel Kant disse que havia dois pólos, talvez novamente, levando o pensamento de Descartes um pouco mais longe, havia um dualismo entre liberdade e causalidade, ou novamente, a liberdade da mente pensante, e causalidade, que é o determinismo que governava a maneira como o mundo funcionava. E para Kant, o pólo da liberdade incluía coisas como fé, religião e Deus.

Considerando que o pólo da causalidade, o lado oposto do pólo era o mundo científico do tempo, do espaço e da história. E de acordo com Kant, nenhum dos dois poderia influenciar um ao outro. Não se compreendia a fé, Deus e a religião, de acordo com os métodos da investigação científica quando se trata das ciências, da história e do mundo externo.

Portanto, há este dualismo entre, mais uma vez, a história e este mundo determinista, e depois o pólo da liberdade, que inclui Deus, a fé e a religião. Na

verdade, vemos hoje essa influência em diversas frentes. Por exemplo, a noção de que a fé, a minha fé e a religião é algo muito pessoal.

Minha fé em minha crença em Deus é transcendente e até independente dos fatos. Considerando que a história e a ciência são simplesmente o domínio da causa e do efeito, isto é, para a maioria, isso significaria nenhum milagre, nenhuma intervenção divina na história. Novamente, mantenha esses dois pólos separados.

Não se pode misturar factos científicos e factos históricos com o domínio das ideias religiosas, de Deus e da fé. E novamente, vemos isso hoje, novamente, a fé e a crença em Deus são algo pessoal, algo que não depende de fatos, algo que não pode ser provado. Além disso, também vemos isso, penso, ainda vemos o legado deste tipo de pensamento tanto nos estudos do Antigo Testamento como do Novo Testamento na dicotomia que ainda se vê frequentemente entre fé e história, especialmente aquela que caracterizou o liberalismo dos séculos XIX e século 20.

E ainda mais, a disjunção entre teologia e história. Assim, por exemplo, os autores do Antigo Testamento estão escrevendo o que é literatura religiosa, o que é literatura teológica, não o que é histórico. E então coisas como Deus abrindo o Mar Vermelho para que uma nação inteira possa atravessá-lo certamente não podem ser verdade e certamente não poderiam ter acontecido.

Mas isso não importa porque o autor está interessado em teologia, não em história. Ou os Evangelhos sinópticos, Mateus, Marcos e Lucas, quando escrevem teologia, não necessariamente escrevem história. Então você vê a influência contínua, em certo sentido, de Kant nesta dicotomia entre fé e história, ou ainda, na crítica do evangelho, ou na crítica do Antigo Testamento, a dicotomia entre teologia e história.

Se os autores estão escrevendo documentos teológicos, então certamente não estão interessados em fatos históricos ou em escrever história. Então, para Kant, Kant disse que o conhecimento é composto de experiência baseada em impressões sensoriais do texto, que depois são compreendidas por meio das categorias da mente que me permitem organizar os dados e interpretar o mundo. E, mais uma vez, o principal ponto a salientar em Kant é que, ao contrário de Bacon e Descartes, ele sugeriu que nunca poderemos conhecer uma coisa de forma independente, nunca poderemos conhecer uma coisa tal como ela realmente é.

Novamente, não posso saber isso como realmente é. Mas em vez disso, só posso saber através da rede da minha mente, através das estruturas que já estão presentes na minha mente. Todo significado e compreensão são filtrados através desta grade.

Mas é esta grade que me permite compreender. E este é o resultado de ser um eu pensante autônomo, um pensador autônomo. Então eu, o eu pensante, determino como vejo as coisas.

Conhecemos as coisas, como elas nos aparecem, não necessariamente como são objetivamente e na realidade e em si mesmas. Portanto, num aspecto, considerando desta forma, Kant nunca escapou inteiramente ao ceticismo a que respondia. Porque você pensa sobre isso, se eu não posso conhecer algo como realmente é, se a minha percepção e conhecimento de algo é independente do modo como a coisa realmente é, se não há correlação direta entre o meu conhecimento e o modo como algo é, eu posso' Não tenho então certeza de que conheço algo como realmente é.

E, nesse aspecto, Kant não escapou inteiramente ao ceticismo ao qual respondia. E também, quando se trata da natureza, do mundo, da história, do conhecimento científico, não pode haver sobrenatural. Novamente, religião, Deus, etc.

pertencem a um pólo diferente, o pólo da liberdade, enquanto a ciência, a história, etc. pertencem a um universo mecanicista fechado. E, no entanto, tal como Bacon e Descartes, Kant ainda enfatizava a mente humana como a fonte primária de significado e conhecimento.

É através do eu pensante autônomo que o eu pensante autônomo é capaz de conhecer e compreender. Embora, novamente, como dissemos, com Kant, só se possa conhecer através da rede da mente, as categorias que já estão na mente. E, portanto, não posso conhecer algo como realmente é, mas apenas como o compreendo e percebo.

E assim o legado de Immanuel Kant é que o intérprete é o centro do significado. O intérprete, o eu conhecedor, é o centro do significado. E como já disse, Kant começa a antecipar, Kant, num certo sentido, antecipa as abordagens mais modernas da hermenêutica que enfatizam o leitor, abordagens centradas no leitor.

Bem no início deste curso, creio que mencionamos que a hermenêutica parece fluir e centralizar-se em torno dos três componentes primários da interpretação. Esse é o autor, o texto e o leitor. Abordagens centradas no autor que enfocam a intenção do autor.

Centrados no texto que focam no texto como o locus, o lugar do significado. E abordagens centradas no leitor que focam no leitor como aquele que dá sentido ao texto. E assim já, Kant está antecipando abordagens mais pós-modernas para a interpretação e abordagens mais centradas no leitor que se concentram no leitor que dá sentido ao texto.

Ou seja, o significado está nos olhos de quem vê. Não há nenhum significado correto e objetivo no texto que simplesmente abstraímos. Mas, em vez disso, o único

significado é o que o autor, o leitor, entende através das categorias da mente, através dos pressupostos, preconceitos e pontos de vista que trazemos para o texto.

Isso influenciará a maneira como entendemos e interpretamos o texto. Isso parece já ter sido antecipado por Immanuel Kant. E então o segundo legado, como já sugerimos, é a disjunção entre, antes de tudo, a exclusão do sobrenatural quando se trata das ciências, da história, etc.

A exclusão do sobrenatural, a exclusão da intervenção divina nos assuntos da história, o que significa, mais uma vez, nenhuma ressurreição, nenhuma divisão do Mar Vermelho para uma nação inteira atravessar, nenhum evento milagroso. E além disso, em relação a isto, o legado de Kant é a disjunção teologia-história. Que se os autores mais antigos do Novo Testamento estão escrevendo teologia, eles necessariamente não estão preocupados ou não escrevem história.

Parte desse pensamento remonta a Kant, que desenhou isso, trabalhou com esse dualismo entre o que era verdade na história e na ciência e o que era verdade no domínio da religião e da crença em Deus. Em resposta, penso que em resposta a Kant, quando pensamos sobre hermenêutica, e então resumiremos a contribuição desses indivíduos que analisamos, Francis Bacon, René Descartes, John Locke e, finalmente, Immanuel Kant. E como eu disse, há outras pessoas e outros indivíduos durante este período que fizeram contribuições igualmente importantes para a hermenêutica.

Novamente, não pensando conscientemente sobre hermenêutica, mas simplesmente porque ela está lidando com como entendemos, como sabemos, sejam dados científicos ou textos escritos, como sabemos alguma coisa? Por causa disso, esses indivíduos fazem contribuições importantes para a hermenêutica e a teoria hermenêutica. Mas algumas observações adicionais, especialmente sobre

Kant, mas também sobre os outros Bacon e Descartes, e John Locke, são, antes de tudo, particularmente Kant nos lembrou, penso eu, que não existe indução pura. Não existe um intérprete puramente objetivo.

Que através de uma metodologia rigorosa, uma aplicação rigorosa de técnicas corretas pode de alguma forma interpretar o texto bíblico de uma forma que você é simplesmente uma folha em branco apenas esperando para absorver informações. E que você pode ter certeza absoluta de que existe uma correlação direta entre a sua interpretação e o objeto do texto em si. Então eu acho que temos que lidar com isso, e falaremos mais sobre isso, temos que entender que não existe um observador completamente objetivo e um intérprete objetivo.

Todos nós viemos com a nossa própria compreensão, a nossa própria predisposição, os nossos próprios preconceitos, a nossa própria formação e tradição, que influenciam a forma como lemos um texto. Agora, uma das questões que abordaremos mais adiante neste curso é: isso distorce inevitavelmente a maneira como lemos um texto bíblico? Não há esperança alguma de compreender um texto bíblico? Estaremos inevitavelmente condenados ao significado que está simplesmente nos olhos de quem vê? Não há significado correto de um texto que possamos esperar chegar. Falaremos sobre isso mais tarde, mas certamente, e veremos que isso se tornará ainda mais proeminente no pensamento hermenêutico, que não existe dedução pura, onde sou um observador objetivo com uma lousa em branco apenas esperando para absorver. ou uma esponja seca esperando para absorver os dados, e que posso perceber algo perfeitamente e puramente como é.

Uma segunda resposta é, à luz do argumento de Kant, acho que os cristãos gostariam de argumentar que Deus nos criou à sua imagem, Gênesis capítulo 1. Deus nos criou à sua imagem e, portanto, ele implantou as estruturas e as categorias em a mente humana que nos permite perceber as coisas da maneira como Deus as criou.

Portanto, Deus é o criador do universo, e o criador dos seres humanos à sua imagem colocou essas estruturas nas categorias que Kant descreveu. Novamente, não podemos chegar a nada com a mente vazia.

Se o fizesse, nunca conseguiria compreender nada, mas o próprio Deus criou as estruturas, as categorias e a grelha na mente humana que nos permitem perceber as coisas da forma como ele as criou. Mas também, um intérprete cristão gostaria de admitir que não fazemos isso de forma perfeita e exaustiva por causa da queda e por causa da pecaminosidade humana. Por causa da pecaminosidade humana, isso afeta a maneira como percebemos as coisas.

Isso afeta a maneira como entendemos as coisas. Agora, novamente, isso ainda levanta a questão: isso significa que estamos inevitavelmente fadados ao fracasso? Isso significa que não podemos entender absolutamente nada? Trataremos disso mais tarde, mas como parte da resposta, penso que a maioria dos intérpretes, a maioria dos intérpretes cristãos, sugeririam e reconheceriam que mesmo que não possamos compreender algo de forma perfeita e exaustiva, isso não nos impede de compreender algo adequadamente. e substancialmente. Então, em resumo, resumir a contribuição desses indivíduos é, antes de tudo, o legado de Kant e Descartes e Bacon e John Locke é enfatizar o empirismo e a razão humana.

Isto é, novamente, somos capazes de interpretar objetivamente algo do jeito que é. Somos capazes de objetivamente, através do uso da razão humana, através da aplicação de uma metodologia rigorosa, sermos capazes de compreender algo. Alguém é capaz de saber alguma coisa.

De acordo com Bacon e Descartes, havia uma correlação entre o meu conhecimento, basicamente, e a forma como algo era. Novamente, de acordo com John Locke, alguém poderia abordar algo com a mente em branco, livre de todos os

preconceitos, e capaz de compreender algo como realmente era, novamente, pela aplicação de um método ou metodologia rigoroso. Esse tipo de abordagem também costuma ser chamado de realismo de bom senso, outro termo ou frase que você pode encontrar.

Em segundo lugar está Immanuel Kant, porém, que se distanciou ligeiramente porque, embora ainda enfatizasse o racionalismo e a razão, enfatizou mais o eu conhecedor autônomo, o eu pensante autônomo, como o centro do significado. Ele foi ainda mais longe e disse que, portanto, não podemos saber algo como realmente é. Agora, novamente, para Kant, ele não foi tão longe ao dizer, portanto, que não podemos saber absolutamente nada, ou todo mundo surge com algo completamente diferente, mas ele simplesmente enfatizou que os seres humanos já estão equipados com as categorias e estruturas da mente.

A mente é uma grade que filtra os dados e determina como os reunimos e como os entendemos. A estrutura já está presente na mente, portanto não há correlação direta entre o fato de eu saber algo e o modo como realmente é. Novamente, não há nenhuma correlação direta entre eu perceber isso e saber disso e como isso objetivamente realmente é na realidade.

Portanto, a partir dessa perspectiva, Kant não escapou totalmente ao ceticismo contra o qual argumentou. A terceira coisa é simplesmente mencionar que, portanto, Kant teve um enorme impacto no pensamento hermenêutico subsequente, tanto na divisão entre o eu pensante e o objeto de interpretação. Agora, o caminho está preparado para a ênfase no foco no eu pensante como o centro do significado, mais uma vez, antecipando abordagens posteriores orientadas para o leitor.

Mas também, o último, a sua disjunção entre fé e história, ou a sua disjunção da história da teologia, que, novamente, se os autores bíblicos estão escrevendo

teologia, eles inevitavelmente não estão escrevendo história. Assim, esses indivíduos, como espécie de produtos do Iluminismo, deixaram-nos um legado de ênfase no raciocínio humano, na racionalidade humana, no pensamento humano, como sendo capazes de compreender e saber algo. Para avançar um pouco, não muito no tempo, mas um pouco no que diz respeito à perspectiva, quero discutir outro indivíduo importante, que é Friedrich Schleiermacher, que viveu de 1768 a 1834, no início do século XIX. século 19.

Schleiermacher foi um filósofo e teólogo alemão e deixou seu impacto na teologia, na hermenêutica e também nos estudos bíblicos. Ele é conhecido por alguns como o pai da teologia ou o pai da hermenêutica. E voltaremos a Schleiermacher, vou apresentá-lo aqui brevemente e falar sobre seu pensamento e contribuição para a hermenêutica.

Mas voltaremos a ele quando discutirmos a intenção autoral. Schleiermacher é provavelmente o indivíduo-chave nas discussões sobre a intenção autoral. Lembre-se de abordagens de interpretação centradas no autor, na tecnologia e no leitor.

A maioria remonta a Schleiermacher como uma espécie de pai da intenção do autor como objetivo principal da interpretação. Embora muitos não necessariamente concordassem ou concordassem com a forma como ele abordou e como a explicou, a maioria ainda o veria como o pai da hermenêutica, com ênfase na intenção do autor. Como eu disse, embora fosse filósofo e teólogo alemão, ele deu uma contribuição à hermenêutica.

E Schleiermacher também escreveu durante o período e como filho da era do Iluminismo, que enfatizou o poder do raciocínio humano, o poder do pensamento e a capacidade da razão humana de realmente saber algo. Em outras palavras, a fé estava na razão e também na ciência e na tecnologia. Contudo, curiosamente,

Schleiermacher reagiu a isto, a esta ênfase na fé, no raciocínio e na ciência, e sugeriu que não podemos ser limitados simplesmente pelas abordagens racionais e científicas do conhecimento.

Mas em vez disso, contrariando a verdade meramente racional e o dogma teológico da época, Schleiermacher enfatizou a criatividade, a experiência e a piedade na sua busca pelo conhecimento. Em outras palavras, para ele, a hermenêutica é a aplicação de regras gerais de compreensão desenvolvidas através de uma atenção especial à natureza do pensamento e da linguagem humanos. Agora, o que isso significava para Schleiermacher, por sua ênfase no pensamento humano, sua ênfase na criatividade, sua ênfase na experiência espiritual, ele sugeriu que o objetivo principal da compreensão e da interpretação não era tanto compreender o texto bíblico, ou compreender um texto, por mais que seja compreender um autor, ou compreender outra pessoa, esse é o autor humano.

Para que a lacuna entre o intérprete moderno e o autor que produziu o texto pudesse ser superada pela hermenêutica. Foi a hermenêutica que nos permitiu superar essa distância entre nós e o autor humano. Portanto, a tarefa principal, de acordo com Schleiermacher, era reconstruir ou reproduzir tão fielmente quanto possível o ato passado do autor.

Por outras palavras, de acordo com Schleiermacher, ele disse, sim, olhamos para as coisas como a gramática do texto, olhamos para o contexto histórico do texto, olhamos para as palavras, mas para ele a interpretação era principalmente psicológica. E novamente, por causa de um pouco de sua compreensão filosófica, para ele, o objetivo principal era ir além do texto, e entender o processo de pensamento do autor, para se colocar no lugar do autor. Porque segundo ele, temos algo em comum com o autor humano.

E, portanto, somos capazes de nos colocar no lugar do autor, na mente do autor, somos capazes de descobrir a verdadeira intenção do autor ao escrever o texto bíblico. Então, por causa disso, Schleiermacher começa então a enfatizar que a abordagem correta para a hermenêutica e para a compreensão de algo não é tanto simplesmente observar o texto e chegar à interpretação correta, mas ir além disso e psicologicamente fazer a pergunta sobre o que o ato passado do autor e o que o autor pretendia fazer. O legado então de Frederick Schleiermacher é o número um, a ênfase na intenção do autor.

E veremos que começa a hermenêutica, a hermenêutica parece começar com abordagens centradas no autor ou abordagens que vão por trás do texto e recuperam o contexto histórico do texto, a intenção do autor que se inicia com Schleiermacher. Vários livros de hermenêutica ou de interpretação bíblica que li têm frases semelhantes a esta. O principal objetivo da interpretação é colocar-se no lugar do autor, o que na verdade se aproxima de uma citação exata de um livro de hermenêutica que conheço.

Para que o texto se torne simplesmente uma janela para a compreensão do autor, para a reconstrução da intenção do autor. E novamente, hoje, ainda hoje, embora possamos fazê-lo de forma diferente de Schleiermacher, ainda assim a maioria dos intérpretes, especialmente os intérpretes evangélicos, continuariam a argumentar que o objetivo principal da interpretação é descobrir, descobrir a intenção do autor. O principal, o significado do texto é o significado que o autor pretendia.

E, novamente, voltaremos a isso mais tarde, quando começarmos a falar sobre abordagens de interpretação centradas no autor, no texto e no leitor. Mas Friedrich Schleiermacher já defendeu a ideia de que o objectivo da interpretação é recuperar a intenção do autor. Uma outra faceta do pensamento de Schleiermacher que

influenciou a hermenêutica é o que é frequentemente conhecido como círculo hermenêutico.

E Schleiermacher disse que ao ler um texto, tenta-se compreender o todo compreendendo as partes individuais. E da mesma forma, ao compreender as partes individuais, pode-se compreender a totalidade, ou pode-se compreender o todo. Outra forma de colocar isso é, segundo Schleiermacher, entender o que vem por etapas e não de uma só vez.

À medida que se trabalha nesse círculo, indo e voltando entre o todo e as partes, a compreensão surge em etapas. A compreensão da intenção do autor de um texto ocorre em etapas e não de uma só vez. Portanto, examinamos particularmente, não todos eles, mas particularmente abordagens não-bíblicas de conhecimento e compreensão que influenciaram a hermenêutica.

Mais uma vez, voltando a Francis Bacon e ao seu método científico indutivo, a René Descartes e ao seu racionalismo e método científico, e à ênfase na capacidade de conhecer algo através do pensamento racional, o eu pensante autônomo, John Locke, que sugeriu que podemos abordar algo como um lousa em branco, como simplesmente observar coisas, e a lousa em branco sendo preenchida pela percepção sensorial e experiência com os dados. E depois para Immanuel Kant, que também enfatizou o eu pensante racional, o eu pensante autônomo, todos estes, os filhos do Iluminismo. No entanto, ao mesmo tempo, Kant introduz o eu pensante autônomo, agora com o efeito de que o nosso conhecimento de algo é filtrado e dependente das categorias e estruturas já presentes na mente humana.

E então Schleiermacher, Friedrich Schleiermacher, que agora começa a enfatizar, reagindo apenas à razão humana e ao método científico, agora enfatiza a experiência, a piedade e a criatividade. E de modo que o objetivo da interpretação, o

objetivo da hermenêutica, é agora recuperar a intenção do autor por trás do texto, psicologicamente, compreender o processo de pensamento do autor e o processo de pensamento do autor e o pensamento do autor. E tudo isto, mais uma vez, ainda influencia a forma como abordamos e pensamos a hermenêutica hoje.

E, novamente, é importante compreender que a nossa abordagem à hermenêutica é influenciada não apenas pelos intérpretes bíblicos, mas, de forma mais geral, pelas correntes e movimentos históricos e como eles têm lutado com a questão de como sabemos algo, como entendemos, como percebemos o externo. mundo, como percebemos algo como um texto. Tudo isso influenciou nossos livros hermenêuticos e a maneira como pensamos sobre a interpretação bíblica. Na próxima sessão, iremos além, iremos além dessas figuras como parte do Iluminismo nos séculos XVII, XVIII e XIX.

E avançaremos e começaremos a olhar para alguns pensadores mais recentes em relação à teologia, filosofia e hermenêutica e como isso afeta a maneira como abordamos um texto bíblico. E na próxima sessão começaremos examinando um indivíduo que é provavelmente um dos mais influentes, Hans- Gurg Gadamer. Portanto , na próxima sessão, continuaremos a examinar nossas raízes hermenêuticas, algumas das influências que moldaram a maneira como pensamos hoje sobre a interpretação bíblica do Antigo Novo Testamento.